

MARIA BRAK-LAMY BARJONA DE FREITAS

O LEQUE

O LEQUE NA RELIGIÃO, NA ARTE, NA BELEZA,
NO AMOR

*Conferencia realizada em casa
da Ex.^{ma} Sr.^a D. Herminia Borba
Nunes da Cunha, no serão d'arte
em 4-XII-1932, aniversario de sua
filha D. Maria Susana*



**TIPOGRAFIA
CONFIANÇA**
RUA DA ROSA—23
TELEF. 2 6340—LISBOA

MARIA BRAK-LAMY BARJONA DE FREITAS

Para os = Reservados da Biblioteca Nacional



H. B.

O LEQUE N.º 117309

*Gaueiro
1933.*

Maria Barjona de Freitas

O LEQUE NA RELIGIÃO, NA ARTE, NA BELEZA,
NO AMOR

*Pres
29-5-33-11*

Conferencia realizada em casa da Ex.^{ma} Sr.^a D. Herminia Borba Nunes da Cunha, no serão d'arte em 4-XII-1932, aniversario de sua filha D. Maria Susana



**TIPOGRAFIA
CONFIANÇA**
RUA DA ROSA—23
TELEF. 2 6340—LISBOA

Foram tirados 20 exemplares em papel
especial, e numerados

802

O LEQUE

O LEQUE NA RELIGIÃO, NA ARTE, NA BELEZA E NO AMOR

A Lenda do Leque

Amavel ornamento da graça feminina, a origem do leque é tão antiga que se perde nas brumas dos tempos preistoricos.

Chega a atribuir-se a sua criação á deusa Venus, mimosa ficção que o poeta Gay adopta no seu lindo poema — O Leque.

Diz-se mesmo que no Paraiso, Eva teria colhido uma folha d'arvore e, abanando-se com ela, creara assim o leque.

Mais aceitavel porventura a lenda que nos vem do Celeste Imperio:

Ha muitos, muitos seculos, na China, o país das lendas e das flores, existia uma donzela de formosura rara: Kan-Si, filha querida dum poderoso mandarim.

Era a epoca do calor e era noite de festa. A linda Kan-Si assistia á festa dos crisantemos—ou das tochas, na dizer de alguns contistas. A lei prohibia que a filha de um mandarim mostrasse em publico o rosto, de forma que as lindas feições de Kan-Si estavam occultas por uma mascara.

O calor e a mascara sufocavam a pobre menina que, não podendo mais, resolveu desembaraçar-se do incomodo objecto. Mas como faze-lo sem infringir a lei? Sem que o ambar da sua

pele setinosa, o sorriso dos seus labios de coral, ficassem expostos aos olhares indiscretos? Uma ideia subita fez desabrochar um sorriso travesso na boquilha da linda chinesinha: desprende a mascara e, segurando-a perto do rosto, poz-se a agita-la rapidamente. As faces esbraseadas iam refrescando e o movimento rapido envolvia-lhe o rosto encantador numa especie de veu que o encobria aos olhares profanos da multidão. As outras senhoras de familia dos mandarins acharam a ideia excelente e dentro em pouco dez mil mãos agitavam dez mil mascaras.

E assim, segundo a lenda, nessa noite de festa, quente e perfumada, entre luzes e crisantemos, as mãos delicadas de uma linda rapariga, creavam o leque, a mais poderosa arma de que se tem servido a garridice feminil.

O leque desde a sua origem até à era de Cristo

Em todos os monumentos ornamentados de todas as civilizações e epocas, o leque nos aparece. Foi grosseiro o seu início, é certo: o mimoso leque é o descendente directo do enxota-moscas do qual é difficilimo distingui-lo depois que este se apurou, se civilizou, visto no inicio não ter sido mais que a cauda de cavallo, bufalo ou boi, mas já com tendencias a tornar-se delicado, pois, adivinhando que um dia seria o querido das mulheres, por vezes tambem era um ramo de acácia ou de murta.

Nas suas modificações sucessivas o enxota-moscas foi-se tornando mais util: passou a ser empregado para ativar o lume e assim, na antiga liturgia pagan servia para o fogo dos sacrificios. Nos vasos gregos figura muitas vezes este objecto nas mãos das mulheres que sacrificam.

Na sagração de Rama figurava um leque, segundo descreve o Ramayana.

Os sacerdotes de Isis usavam grandes leques de penas de diferentes tamanhos, dispostas em semi-circulo. XVIII a XIV seculos antes de Cristo já os egipcios usavam o leque formando grande dossel sobre a cabeça dos Faraós; no museu Boulaq existe um desses exemplares, em madeira, coberto de folha d'ouro, de 1703 anos antes de Cristo. Apareciam nas procições triunfais dos reis e dos sacerdotes, serviam-lhes de estandarte militar durante a guerra. Já eram então de plumas de avestruz, havendo uns mais pequenos que se usavam na mão. Foi tal

o incremento do leque no Egipto que ainda hoje, no estilo Egipcio figura como ornamento predominante.

Os monarcas assirios eram seguidos por escravos levando o guarda-sol e o leque.

Dos assirios passou aos medas e aos persas.

Os Aztecas serviam-se do leque: entre os presentes que o rei Montezuma II mandou a Cortez, figuravam leques de penas enfeitados com um sol e uma lua de ouro polido. Era um emblema de autoridade, que se collocava nas mãos dos deuses, como simbolo de alta dignidade era tambem o leque de ferro de que se serviam os japoneses.

XII seculos antes de Cristo usavam-se na China leques para resguardar do vento e do pó os imperadores do Celeste Imperio, quando iam nos seus carros. Empregavam especialmente as penas de faisão, e dois seculos depois começaram a faze-los de marfim.

Os etruscos serviam-se de leques feitos de penas de pavão, os seus monumentos demonstram o grande uso do leque, especialmente o de penas, tanto que, nas estatuas funerarias, as mulheres são representadas sempre de leque, o tão feminil adorno que os homens varias vezes tem usurpado. Nas esculturas dos palacios de Ninive figuram escravos abanando os reis e os magnates com pequenos leques quadrados. Os poemas galantes helenicos falam do leque, Nessa velha Grecia um recém-casado abanar com o leque a esposa adormecida, era uma tão delicada atenção, um mimo por tal forma estimado, que aquele que assim procedia alcançava o perdão de qualquer delicto.

Foi nesse tempo, quando o luxo da elegante Grecia afogou a austera singeleza antiga, que o papiro, a palha tecida, a modesta folha de palmeira e mesmo a do hieratico lotus, foram substituidas pelas penas, desde as penas curtas de corvo, de papagaio, de faisão e outras, até às plumas de avestruz coloridas e às brilhantes penas de pavão real, com os seus lindos olhos metalicos simbolizando os de Argus e livrando de bruchas e mau olhar. As sacerdotisas, agitando os grandes leques, preservavam o altar do contacto impuro dos insectos; as sibilas moviam o leque em gestos cabalisticos pronunciando os seus oraculos. Na antiga Roma havia escravos destinados unicamente a manejarem o leque — o flabelo — não fosse o sono dos altivos patricios e das nobres matronas ser perturbado pelos insectos ou pelo calor. Era especialmente nas termas que esses escravos — os flabeliferos — desenvolviam maior actividade, para refrescarem a pesada atmosfera das salas.

O leque na religião cristã

Ao leque, ao flabelo, estava reservado mais alto destino — do uso profano ia passar ao uso religioso, da ocupação material aos mistérios da fé. Uma patena recolhida nas catacumbas tem gravado um flabelo, os primeiros cristãos serviam-se de leques, as pessoas consagradas à vida devota trocavam leques, entre si. Presume-se que S. Jeronimo fazia leques no seu deserto de Chalcis, como os monges da Siria e como S. Fulgencio, quando abade, mas este apenas para o serviço do culto. No tesouro da catedral de Monza figura o leque de Teodolinda, rainha dos Lombardos, falecida em 626. E' uma tira de couro dobrada em pregas e presa numa ponta por um fio. E' ornamentada com dourados e tem uma inscrição latina já, ilegível.

A Igreja Cristã, tanto oriental como ocidental, aproveitou a utilidade prática do flabelo e deu-lhe um sentido místico. Inumeros documentos o representam — vasos de cristal, iluminuras, entre elas as da Biblioteca Barberini, os preciosísimos mosaicos de Santa Sabina, etc. As Constituições Apostolicas determinam que, desde a ablação até à comunhão, dois diaconos, colocados nas extremidades do altar, agitem incessantemente leques para suavisar o calor que podia incomodar o celebrante, e afugentar os insectos para não conspurcarem o calice ou os pães sagrados. Mas, segundo o monge Job, deviam tambem elevar a fé às realidades do mistério eucaristico. Esses flabelos eram ordinariamente em penas de pavão pois o pavão era o simbolo do homem perfeito, justo e santo, que nenhum vício corrompe, porquanto os antigos afirmavam a carne do pavão ser imputrescível.

Os flabelos, agitando-se aos lados do altar, tem um sentido figurado: representam os dois querubins entre os quais, no Tabernaculo, Deus falava a Moisés, como se vê no Exodo, XXV, 18 a 22; Numeros, VII, 89; Isaias e Apocalipse. Tanto assim que o flabelo da Igreja grega é um querubim de seis asas, como aqueles de que a Bíblia fala. No cerimonial dominicano tambem o flabelo era usado na missa solene. Na Igreja grega, quando da ordenação dos diaconos, o pontifice, entre as insígnias do seu grau dá-lhes tambem o flabelo. Só às diaconisas o seu uso era expressamente interdito.

Os flabelos, de que existem ainda exemplares preciosos, eram fixos, não se dobravam; os arménios apresentavam a forma circular, eram cobertos de laminas de metal e circundados de pequenas campainhas, vaga reminiscencia das campainhas de prata que orlam a túnica do Sumo Sacerdote dos judeus.

Os gregos e arménios conservam ainda no seu ritual o flabelo mas, desde o seculo XIV, a Igreja romana abandonou o seu uso, que subsiste apenas junto do Pápa, em dias de grande solenidade, quando o Sumo Pontifice, entre os grandes flabelos de plumas, aparece aos fieis «como no Tabernaculo a voz de Deus vindo entre os dois querubins que com as asas velavam a face o Senhor».

O leque voltava ao uso profano donde fôra levado até às pompas da Igreja.

• evolução do leque

Creação delicada das mãos da lendária Kan-Si, é na China que o leque tem maior voga. Foi aí que no seculo VII surgiu o leque com as varetas presas em baixo, invenção que a França e Italia quiseram reivindicar quando no seculo XVI esse uso se tornou corrente na Europa. Porque desde o seculo V até à Idade Média o leque era como um ramo de penas ou plumas presas a um cabo de ouro, prata ou marfim e suspenso da cintura por uma corrente de ouro. Ainda em tempos mais remotos eram folhas de palmeira, trabalhadas, debruadas, pintadas, servindo o fim do cabo, como ainda hoje se faz na Índia. Possivelmente a disposição pregueada da folha deu a ideia das ventarolas remanescentes que precederam os leques de fechar que se julga serem originários da Coreia donde passaram para a China e daí para Portugal, Espanha e Itália, aproximadamente na mesma época em que os portuguezes exportavam para a India as *punkas*, grandes leques em forma de painéis moveis que se suspendiam no teto para refrescar as habitações, tentativa, no seculo XVI, da agradável mas tão pouco estética ventoinha electrica. Depois o leque, que nos países quentes servia tambem de guarda-sol, desenvolveu-se, passou a ser executado nas mais diversas materias: pelica, linco, seda, papel d'arroz e papel vulgar e até em ouro tecido como o de Joana d'Evreux, que pelo seu testamento, datado de 1372, era de pano d'oiro com flores de liz esquartelado com as armas de França e Navarra. Catarina de Médicis não se separava do seu leque, as suas açafatas abanavam-se constantemente o que não admira porque o leque era munido de um espelhinho onde se podiam compor, como hoje se faz com os espelhos obrigatorios em todas as malinhas.

A exemplo da mãe, Enrique III, e com ele os *mignons*, usava um leque de velino e rendas.

As rendas! Esse sonho vaporoso com um beijo de borboleta no cálice perfumado duma rosa! Dir-se-ia que algum génio alado roubou ao céu a seda diafana das nebulosas, alguma fada segredou à mulher a ideia desse tecido de encanto, a mais delicada criação da arte humana! Veneza, Bruxelas, Argenta, Malines, o aristocratico ponto d'Alençon — a rainha das rendas, tão querida das duquesas de França, estenderam a beleza dos seus desenhos sobre as opulentas varetas de pérolas, de tartaruga esculpida, de ouro cravejado de pedras preciosas, de madreperola e marfim filigranados como rendas. Mas apesar da magia dessa graça subtil foi à pintura que o leque deveu o maior esplendor.

Na época do *Rei Sol* o leque atingiu o apogeu do seu triunfo. Era o *brinquedo* indispensável às mãos aristocráticas. Usava-se em todas as épocas: no verão para abrandar o calor, de inverno para preservar a pele mimosa dos ardores do fogo das chaminés.

Por essa época, entre nós, o leque, esse gracioso mimo que tanto encanta a mulher, caía no uso e abuso dos elegantes da época a ponto que, a Camara de Lisboa, via-se obrigada a impetrar ao infante D. Pedro, em 19 de Outubro de 1672, a graça de proibir o uso dos regalos e dos leques em mãos masculinas.

Em França, foi tal a importancia do leque que Luiz XIV, em Janeiro de 1678, creava a «Corporação dos Mestres fabricantes de leques».

Nesse mesmo ano a moda decretava que o tamanho do leque fosse em harmonia com o volume dos vestidos, o que o tornava monumental, pesado, difícil de manejar, mas era mais vasto o campo para a arte se expandir: aí brilharam os primores das miniaturas; reproduziam-se quadros; os grandes pintores decoravam leques.

Ficou célebre o leque destinado a ser usado na igreja, com a lenda da «*Tradução dos Setenta*», *gouache* preciosa de Filipe de Champaigne.

Os principais artistas das épocas que se iam sucedendo não desdenharam o campo futil do feiticeiro leque: Lemoine, Mignard, Charles Lebrun, Lancret, Boucher, de quem o encantador «*Mercado dos Beijos*» foi propriedade da princesa de Sagan; Fragonard, o mimoso e pueril Watteau — o *pintor das festas galantes* — de quem se conservam exemplares preciosos, entre eles as «*Festas de Versailles*» que faz parte da colecção reunida por uma das baronesas de Rothschild; e tantos outros entre eles os imitadores da forma e do colorido de Guillot e, especialmente, os discípulos de Boucher.

Aparecem assuntos de todos os géneros desde os austeros

como «*A cura miraculosa de Godefroy de Bouillon*» oferecido por Saint-Evremond a Diana de Poitiers, até às mais graciosas fábulas mitológicas, aos idílios onde muitas vezes figurava o tão usado e indiscreto balouço.

Não faltava o leque alegórico como o leque tão célebre onde figura Mademoiselle de La Vallière recebendo as homenagens das Belas Artes; repetiam-se os episódios consagrados: Rmanelli pinta o *Rapto das Sabinas*; a grande miniaturista Rosaba Carriera, pinta *O Julgamento de Paris*.

Ingres, Huet, pintam leques; em Espanha, Cano d'Arevalo, indo ao serviço do leque o seu talento e a sua espertesa, enriquece e torna-se célebre ao ponto da rainha o nomear seu pintor:

Num inverno de pouco trabalho encerrou-se e pintou febrilmente, leques, muitos leques. Chegado o verão anunciou que recobria de Paris uma grande remessa de belos leques, e apresentou o seu trabalho. Dentro de poucos dias estavam todos vendidos! Assim continuou até ter seguro o sucesso que tão bem soubera preparar.

Era o mesmo entusiasmo que fazia com que, há uns 35 anos, várias espanholas vendessem às ciganas leques preciosos, de pelica, para com esse dinheiro comprarem... *un abanico francés*, banal na essência mas... da última moda de Paris!

C leque e a etiqueta

O uso do leque também foi regulamentado pela etiqueta:

Na China, os visitantes só se podiam abanar quando o dono da casa, depois de se tomar o chá, fazia uma inclinação com o seu leque, mas se algum deles tivesse esquecido o precioso objecto, ninguém se podia abanar.

No Extremo-Oriente, dois homens que se encontrassem, sudavam-se abanando-se um ao outro com o leque.

O célebre escritor Addison descreve uma Academia onde se ensinava a maneira de usar o leque.

As damas da corte de Luis XV não podiam abrir o leque na presença da rainha se não para servir de bandeja quando tinham de apresentar qualquer coisa à soberana. Que medonho escândalo quando, por motivos particulares... a condessa d'Égmont infringiu essa regra!

Madame Staël diz que ao mover do leque se distingue a rainha da aventureira.

No Japão, se um condenado à morte era pessoa de distin-

ção, oferecia-se-lhe um leque e, quando ele o recebia, era executado.

Era o leque trágico, como o da condessa de Essex que lhe serviu para ocultar o rosto ao ouvir ler a cruel sentença de morte e assim altivamente esconder as suas impressões.

Era um leque trágico, que se desprendia das mãos de Carlota Corday no momento de apunhalar Marat, contraste singular que possivelmente inspirou ao escultor e pintor Falguière o soberbo quadro «*Leque e punhal*», existente no Museu do Luxemburgo.

A aristocracia do leque

Quer fosse em marfim ou filigrana, sandalo, tartaruga, xarão, ou vernis Martin, que o seu pano fosse de renda, seda pintada ou bordada, plumas ou papel com figurinhas japonesas de doces carinhas de marfim, mãos e pés translucidos, que ostentasse entre as varetas as lentes para ver ao longe, foi na côrte que maior importancia teve o leque.

Isabel de Inglaterra dizia que era o unico presente que uma soberana podia aceitar aos seus vassallos. E que leques preciosos eles lhe ofereceram! No seu inventario, feito em 1660, figuram 30 leques.

Na formosíssima colecção de Maria Antonieta destacavam o que lhe oferecera seu cunhado, o conde de Provença, acompanhado por uma galante quadra de Lemierre; o que por ocasião do nascimento do Delfim lhe ofereceu a cidade de Dieppe, joia preciosa em marfim de Ceylão esculpido sobre desenhos de Vien, primeiro pintor de Luis XVI; e, especialmente o de tafetá de Florença, que lhe foi oferecido no dia do seu casamento e é uma maravilha, tanto pela pintura como pelo trabalho das varetas de marfim incrustado e esmaltado.

Quando em 1860 esse leque foi descoberto na feira de Bordeus, após ter sofrido Deus sabe quantas vicissitudes, a *Gazette des Beaux Arts* fez a sua descrição minuciosa.

Na época de Luiz XVI os gostos dominantes refletem-se nos leques: assuntos pastoris, laços unindo espigas e grinaldas, pombas entre flores, coisas ingénuas e encantadoras.

Foi nesse período aureo da sua existencia que o leque se viu erguido às culminancias de ordem dignitaria: na Suécia, em 1774, a rainha Luisa instituiu a «*Ordem do Leque*» com que eram agraciadas as mais excelsas damas da côrte.

Portugal, que não perdera o gosto da ostentação, também via nas mãos da sua soberana os fulgores de leques estonteantes: em 1764 Martinho de Melo e Castro, nosso ministro em Londres, escrevia dizendo que remetera para a rainha leques na importância de 787~~7~~738 rs. Nos leques de D. Maria I havia dois onde scintilavam os brilhantes e os topasios guarneciam. Por morte de D. João VI estes dois leques ficaram em poder das infantas D. Isabel Maria e D. Maria d'Assunção.

Futil, encantador, caprichoso, o leque seguia todos os acontecimentos de sensação: em 1783, quando Montgolfier agitou a França com os seus aerostatos, que em Portugal tinham tido origem, apareceram os *leques de balão* onde, no meio duma paisagem, alguns espectadores viam subir, tufada e coberta de desenhos bisarros, a *Montgolfière*.

Mas a época ia mudar completamente e com ela o aspeto do leque.

Da revolução francesa ao Império

Flor preciosa dos salões, companheiro das damas de nobre estirpe, objecto aristocrático, o leque sofreu bastante em França, com a Revolução. Ficou interdito, sem saber o caminho a tomar. Mas, estava tão habituado a dobrar-se que... tirou da sua forma o que tinha a fazer: dobrou-se, tornou-se *patriota* também. Desdenhou os ricos atavios, usou materiais mais grosseiros, mudou os ornatos: apresentava o busto de Mirabeau, de Marat, ostentava divisas incendiárias, representava scenas politicas, como o de Madame Tallien, a elegante *Nossa Senhora do Thermidor*, chegava a imitar a forma duma espingardinha, onde figurava o retrato de Lafayette e outras figuras da época. Na pintura marca então Bartolozzi, que a Lisboa veio morrer.

Mas as formosas aristocratas perdoaram-lhe a traição e quando na época do Directorio os realistas desdenhavam a Republica, as «*amáveis*» usavam leques de crepe preto lantejoilado a prata em que um simples movimento dos dedos, fechando certo numero de varetas, fazia aparecer uma flôr de liz branca. O leque passou a ser perfumado a almiscar mas, no seu desejo de agradar a todos, ia seguindo os acontecimentos: a expedição ao Egipto traz novos desenhos; no Império é o ornato guerreiro que domina — A Fama empunhando a trombeta, as coroas de louros circundando a frente do vencedor de Austerlitz.

Então é Fontaine e o seu colaborador Percier que se distinguem. A imperatriz Josefina tinha um leque admirável com o retrato de Napoleão coroado pela Vitoria e a Abundancia.

No 2.^o Imperio a imperatriz Eugénia possuía leques formosíssimos, sobretudo o desenhado por Gavarni expressamente para ela.

O espirituoso artista, que tão bem desenhava a mulher e as elegancias do seu vestuario, considerava esse leque a sua obra-prima, tanto que dizia com modestia — «Em toda a minha vida fiz um trabalho razoavel — o leque da Imperatriz».

Um desses leques da imperatriz Eugenia distinguia-se pela artista que o executara: fôra pintado e oferecido pela princesa Matilde. Segundo a moda era uma rosa vermelha circundada por botões.

E' que então as flores constituíam o assunto decorativo mais importante. E como ficam bem as flores nesse delicado objeto que, no dizer da lenda, entre flores foi creado pela formosa Kan-Si!

Não só ao trono imperial da França chegou um leque pintado por mãos de príncipes: em Portugal, D. Fernando pintou um leque para D. Maria II. Por morte de sua esposa o *Rei Artista* mandou esse leque a França, donde voltou encastado em oiro e pedras preciosas, oferecendo-o depois à infanta D. Maria Ana.

O leque comercial e geográfico

Ao fim de tantos seculos de existencia o leque tornava-se prático, generalisava-se, procurava resgatar a sua vida de elegante inutilidade: prestou-se a servir de programa nas festas mais cuidadas; auxiliou os comerciantes e industriais annunciando os seus produtos sob a responsabilidade da sua voga.

Assim como a dona de casa, previdente espalhava leques sobre as mesas das suas salas para que os seus convidados os encontrassem à mão, sempre solícitos, prontos a dispensarem os seus serviços, assim nos hoteis, especialmente nas estações balneares, distribuíam profusamente leques de reclamo à casa, a todos os seus hospedes.

O leque tem servido para taboleta de estabelecimento e até deu a sua forma a uma ilha: a ilhota Desima ou Tchu-Tao (*ilha avançada*) que liga por uma ponte à cidade de Nagasaki e foi construída em 1635 a 1636 para residencia dos portugueses,

tem a forma dum leque. Diz-se que ao preguntarem ao *shogun* (*generalissimo*) que forma devia ter a ilha que se ia construir, e se limitara a mostrar o seu leque.

Os ultimos fulgores do leque

Não foi menor o interesse que o leque despertou no seu declinar, mas então entre os colecionadores, especialmente as senhoras.

As soberanas dedicaram-lhe particular atenção.

Se Catarina de Medicis, Isabel de Inglaterra, Maria Antoinetta, Josefina e Eugénia os possuíam em grande quantidade para seu uso pessoal, outras amorosamente os agruparam como colecionadoras. Isabel de Espanha reuniu mais de 800 leques; a imperatriz da Russia, mãe do ultimo tzar, tinha uma colecção magnífica; a rainha Vitoria foi uma apaixonada colecionadora e leques, um dos quais foi cantado por Richards Nichols. Tinha em particular apreço esse encantador objecto tendo-se esforçado por desenvolver no seu paiz o uso e a industria do leque.

Temos colecções de leques no museu de Coimbra onde, ao pouco vulgar, existe um assinado — *Ledoux*; no museu da ligueira da Foz ha um leque onde figura a coroação de D. Pedro, o Brazil.

No museu de Cascais, entre outros ha um leque pintado a tempera e um outro com as varetas de metal rendilhado e smaltado, tendo o pano em papel com pinturas representando as *Viagens do Amor*, trabalho português.

Mas, uma das melhores, é a colecção do Museu Municipal do Porto onde destaca especialmente um leque do seculo XVIII, com as varetas de marfim delicadamente esculpidas, abertas e rateadas, tendo o pano de seda bordado a ouro, com tres quadros pintados.

Fernando Palha tinha belos leques, especialmente um leque de inverno, seculo XVIII, em marfim, com as varetas rendilhadas em flores coloridas e ornatos dourados, sendo as exteriores de ouro com perolas, rubins, esmeraldas e brilhantes. A parte que representa o pano é dourada tendo alem de outros desenhos um mandarim condusido em palanquim.

Nos leques interessantes dispersos entre nós figura um que pertenceu á infanta D. Izabel Maria e foi por ela oferecido á Marquesa de Fronteira. As varetas são de madreperola tendo ao meio uma dama a tocar harpa; o pano é de pelica com uma vista de Roma.

Ha tambem um leque de varetas de marfim, com figuras douradas, tendo a particularidade bastante rara de ter o pano em linho; e um outro em que as varetas de marfim rendilhado em ornatos preciosissimos, assentam sobre madreperola.

O pano deste ultimo é de papel com uma scena mitologica pintada.

Em Espanha, onde se conservam leques admiraveis, citam-se em primeiro plano o de marfim dourado e pintado com o motim de Esquilache, e o que faz parte das joias da familia Medina-Coeli — *Phryné na presença dos seus juizes*.

Entre os leques celebres figura o que Gustavo Doré desenhou para Madame Rossini onde transcrevia o romance «O Matilde, idole de mon âme» tendo as notas representadas por amôres, e as varetas instrumentos musicos, e o de Adeline Patti em que todos os soberanos da Europa escreveram um elogio, um pensamento.

Escrever pensamentos nos leques tem sido muito corrente na China onde o leque é companheiro constante do homem e da mulher, e bastante se usou... e abusou desse costume entre nós. Ninguem que soubesse alinhar duas palavras mais geitosas escapava ao assédio dos pedidos para escrever nos leques. Perdoemos a pieguice porque era moda e porque os leques e os albuns proporcionaram aos nossos melhores poetas, especialmente liricos e romanticos, ensejo de escrever coisas lindas. A condessa de Almedina tinha um leque com versos de François Coppée, João de Deus, Bulhão Pato, Antonio Serpa e outros. Fernando Caldeira, conde de Monsaraz, Gonçalves Crespo, conde de Sabugosa e tantos vates que nas pregas do leque deixaram a suprema arte da poesia! Todavia a pintura predomina sempre. Foi a pintura que recorreu uma espanhola que em tempos mandou fazer doze leques de limoeiro com o pano de seda vermelha onde foram pintados a azul claro os episodios principais do D. Quixote. Mãos anónimas deixaram nos leques verdadeiras obras primas. Em 1871 a exposição de Londres, promovida pela rainha Vitoria, e as que seguiram, reanimaram a delicada arte da pintura nos leques tanto que, em Outubro de 1874 fazia-se uma exposição em Milão, e á que foi promovida pela Alemanha em 1891, concorreram os melhores artistas. Era um dos ultimos lampejos.

A luz da ribalta ilumina ainda, fugitivamente, o leque de plumas, doce, acariciador, que dá ao rosto da mulher um encanto particular. Foi nas noites de gloria, em que Sara Bernhardt interpretava as ultimas peças de Dumas, que esse leque, sem duvida dos mais elegantes, entrava em voga, para o que contribuiam largamente o escritor Anatole Leroy e o pintor Ernesto Duez.

Já na decadência do leque, Maria Augusta Bordalo Pinheiro, gloria da arte portugueza, executou em renda um leque deslumbrante, estilo D. João V, que pertence à rainha D. Amelia e ofusca por certo os brilhantes que circundam o leque ilustrado pela aguarela de Ernesto Lami. Os seus leques de rendas maravilhosas impõem-se ao estrangeiro: na exposição de Paris de 1900 é concedida a medalha de ouro ao seu leque brazonado pretencente à condessa de Arnoso.

Os leques brazonados! Só esses dariam assunto para uma longa conferencia. No entanto, como especimen, temos uma aguarela dedicada na forma, vibrante de colorido, representando os brações do Marquez de Faria e de sua esposa, contrastando com a sobriedade dum outro onde se vê apenas o brazão do Marquez de Faria.

Ainda em Setembro de 1912 numa revista de que eu era Directora, dei um modelo de leque para arte decorativa, mas, chegara o momento de se cumprir o melancolico vaticinio da chinesa da velha poesia de Ouang-seng-ju: «Como virá depressa o dia em que o leque será posto de lado!» O pobre leque ia-se extinguindo lentamente como se extinguia a brisa suave que em volta de si espalhara.

O leque, a garridice e o amor

Na Espanha o leque é quasi, como na China, um objecto nacional. Até as mendigas, enquanto estendem uma das mãos á caridade publica, vão com a outra agitando o seu leque.

Nas touradas os espectadores munem-se de enormes leques, até de metro e meio, para se abrigarem dos raios do sol.

A espanhola é a mulher que, em todo o mundo, maior e melhor partido tem sabido tirar do leque.

Benjamin Disraeli, lord Beaconsfield, fala com mimo e espirito do leque na mão da espanhola.

Todavia, na rigorosa corte de D. Maria I, a condessa de Assumar notabilisou-se pela graça e gentileza com que manejava o leque.

Mas ninguem como a espanhola conhece os segredos dessa arma de seduzir. Se as mãos são lindas, como os movimentos a dar ao leque as sabem pôr em destaque! Se a boca é feia, os dentes maus, o leque sobe um pouco; se o maior encanto reside nos olhos, o leque, agitando-se quasi debaixo deles, concentra a atenção no seu brilho sedutor; se o perfil é classico é sempre de lado que a mulher se abana; se a garganta é bem torneada a cabeça inclina-se para traz para o leque a refrescar melhor e

arrostando a comparação, emprega o leque em cisne de que procura as ondulações. E depois... como ela o sabe fazer falar! Que o leque fala. Quantas coisas ele sabe dizer! Um escritor inglez até descobriu, e perfidamente o veio dizer, que pelo movimento do leque se conhece o estado civil da que o agita. A casada, tendo recebido da vida o que esperava, serenamente declara: — «Já cá está, já cá está». O da rapariga chama em alvoroço «vem para cá, vem para cá». A solteirona, despeitada e rispida, dá ao leque movimentos bruscos que o fazem dizer: «Se eu tivesse querido, tambem o tinha tido; não precisei dele por isso não o quiz». Mas isso são impertinencias que se não devem dizer...

Onde o leque fala expressivo, servo complacente é no amor. No tempo em que a vida era diversa, em que o amor era o ponto culminante da existencia, quantas coisas o leque dizia! Já na China as raparigas o faziam falar; depois... foi quasi por toda a parte. Quantas vezes os papás, confiados assistiam, sem saber, a uma combinação que a menina fazia de longe com o namorado! A mão branca da jovem abria quatro varetas? Podia falar-lhe na quarta-feira; duas pancadinhas negligentes, como quem brinca, indicava que seria ás duas horas. O leque fechava bruscamente? E' que seria á janela. Mas se abria em movimento largo era no passeio ou nas compras.

Soceguem as respeitaveis mamãs que eu não estou fazendo ás meninas um curso de namoro pelo leque: O pobresito deixou de estar em moda portanto nenhuma destas juvenis elegancias seria capaz de recorrer a ele. Mas dantes?! Quantas declarações se fizeram por intermedio do travesso leque! Se a dama deixava cair o leque e o mancebo, apanhando-o presuroso, lho entregava com a mão esquerda, dizia-lhe que a amava; ela, ao recebe-lo estendia tambem a mão esquerda? Que alegria — compreendiam-se! Mas se era a direita que o recebia, pobre apaixonado! tiravam-lhe toda a esperanza! O leque repetia complacente essas palavras que os namorados não se cançam de ouvir: amo-te, o teu amor é a minha vida! Mas se fosse preciso um silencio immediato lá estava o leque a apoiar-se nos labios. Quando rugia a tempestade dos ciu-mes, quando se resolvia acabar tudo para sempre... durante alguns minutos, a extremidade inferior do leque fechada apontada contra o infiel como uma escopeta aperrada ou um agudo florete pronto a trespassa-lo, marcava o odio... momentaneo. Para a indifferença bastava abanar-se com afetada lentidão.

Na côrte espanhola D. Maria de Mendonça tinha trinta maneiras de se abanar.

Na ardente e apaixonada Andaluzia chegou a existir um alfabeto completo marcado por 25 posições do leque e até uma fazeologia completa que mudava conforme a região. É interessante recordar algumas dessas frases, pelo sabor arcaico :

Não se servir do leque demonstra não se querer namorado. Suspende o leque da mão direita — *quero um noivo*. Da esquerda — *estou noiva*. Se um homem abre o leque e atravez as varetas fita uma senhora, faz-lhe uma declaração de amor. A extremidade do leque apoiada nos labios é uma frase dolorosa — *dúvida de ti*. Abanando rapidamente é a doce confissão — *amo-te muito!* Mas que terrivel gesto se o fecham precipitadamente!... *su ciumenta*. Contar as varetas é aviso importante: *desejo falar-te*. Apoiar a extremidade do leque sobre o coração é um queixume — *amo-te e soffro*. Cuidado se o leque passa duma para outra mão — *estou a perceber que olhas para outra*. Fitar atentamente as pinturas do leque é dizer — *agradas-me muito*. Abanar-se á janela — *vou sair*. Muita atenção: se o leque entreaberto tapa uma parte do rosto é o sinal de alarme — *vem aí a mamã*... Emprestar o leque ao namorado é mau prenuncio mas ainda peor o gesto que se abriu tantos leques preciosos — parti-los em cima daquele que permitia algum atrevimento. Não seria grande a dôr — pobre fragil leque! — mas o gesto era significativo...

De resto a conquista da Argelia foi devida a uma pancada de leque, mas esse não era manejado por uma senhora... Como o autor desse gesto aggressivo não quisesse apresentar desculpas à rança, foi a invasão, foi a conquista!

Como Guerra Junqueiro tinha rasão ao escrever:

«E das asas da vespa o diabo fez um leque»

Agora dois conselhos para terminar:

As meninas — Se alguma quizer reviver estas indicações, seja de comprar um leque de penas de pavão: o tempo, que tudo muda, tambem muda os oraculos — as penas de pavão, que livram de mau olhado, são agora de mau pernuncio. Ai da rapariga que possua o mais insignificante bocado dessas lindas penas: não asará nunca!

As mães — será bom vigiar se as meninas passarem a fazer so do leque... Mas antes o leque com toda a indiscrição e perigo da sua escrita Morse e da sua telegrafia sem fios, do que... boquilha e a cigarreira.







